

Telmo Mourinho Baptista
David Dias Neto
Editores

PSICOLOGIA &
PSICOTERAPIA

1

Dicionário de Psicologia



EDIÇÕES SÍLABO

Psicologia & Psicoterapia

Diretor de coleção: Telmo Mourinho Baptista

Títulos publicados

1. Dicionário de Psicologia
2. Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais
Vol. 1 – Intervenções Clínicas
3. Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais
Vol. 2 – Perturbações e Grupos Específicos (no prelo)

Psicologia & Psicoterapia

Livros de caráter científico e de divulgação sobre aspetos importantes nas áreas da psicologia e da psicoterapia. Privilegiando autores portugueses, um contributo para a formação dos profissionais e uma maior divulgação dos conhecimentos e práticas de que a psicologia e a psicoterapia se ocupam.

Dicionário de Psicologia

Editores

Telmo Mourinho Baptista

David Dias Neto

EDIÇÕES SÍLABO

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio gráfico, eletrónico ou mecânico, inclusive fotocópia, este livro. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor. Não participe ou encoraje a pirataria eletrónica de materiais protegidos. O seu apoio aos direitos dos autores será apreciado.

Visite a Sílabo na rede
www.silabo.pt

FICHA TÉCNICA:

Título: Dicionário de Psicologia

Autores: Telmo Mourinho Baptista, David Dias Neto e outros

© Edições Sílabo, Lda.

Capa: Pedro Mota


Imagem da capa: Carollynn Tice | Dreamstime.com

1ª Edição – Lisboa, setembro de 2019.

Impressão e acabamentos: Europress, Lda.

Depósito Legal: 461074/19

ISBN: 978-989-561-022-8

 **EDIÇÕES SÍLABO, Lda.**
Publicamos conhecimento

Editor: Manuel Robalo

R. Cidade de Manchester, 2

1170-100 Lisboa

Tel.: 218130345

e-mail: silabo@silabo.pt

www.silabo.pt

Prefácio

Nos últimos quarenta anos, a psicologia portuguesa tem tido o seu maior desenvolvimento com o crescimento das escolas existentes e o aparecimento de muitas e novas escolas. A docência alargou-se para poder atender aos milhares de alunos que procuravam estudar psicologia. Como consequência, a aplicação da psicologia estendeu-se a múltiplas áreas e, hoje, podemos encontrar psicólogos em exercício em todo o tipo de organizações e também em prática individual, sobretudo de psicologia clínica e consultoria.

Este desenvolvimento da psicologia despertou o interesse pela investigação e ao aparecimento de uma vasta literatura psicológica de autores portugueses, que começou por ser publicada em português mas que hoje é na sua maioria escrita em inglês, devido à internacionalização e respectiva competição que a acompanhou.

Junte-se a este crescimento as oportunidades que muitos docentes tiveram de estudar ou completar diversos tipos de graus académicos no estrangeiro, o que em muito contribuiu para trazer para o nosso país um conhecimento que foi aplicado nas universidades portuguesas.

Esta verdadeira expansão do conhecimento psicológico tornou esse conhecimento mais presente e aplicado às mais diversas áreas, desde a individual até à grupal, passando pela organizacional e comunitária. Este conhecimento também se vulgarizou e passou a fazer parte do vocabulário dos cidadãos comuns. Apesar de os termos utilizados correntemente nem sempre corresponderem ao seu verdadeiro significado científico, esta realidade demonstra a enorme curiosidade de um número alargado de pessoas pelo estudo e conhecimento da mente e comportamento humano.

A criação da Ordem dos Psicólogos Portugueses em 2009, após uma longa gestação, veio permitir a organização dos profissionais num organismo regulador e de representação, que tem também contribuído, tanto em termos científicos como em termos da prática, para o avanço da profissão. Os congressos da Ordem dos Psicólogos Portugueses, já na sua quarta edição em 2018, tornaram-se no maior evento científico de psicologia no nosso país, congregando académicos e praticantes numa verdadeira festa de comunhão entre o conhecimento e as suas aplicações.

Para além dos congressos da Ordem, muitos outros congressos ocorrem todos os anos, dificultando o acompanhamento dos testemunhos e produção científica apresentada. Esta fecundidade tem uma expressão já significativa em revistas e publicações internacionais, competindo com o que de melhor se publica em termos globais na área da psicologia e suas aplicações. Creio poder afirmar-se que se atingiu uma maturidade quanto ao estabelecimento de um corpo de investigadores que desenvolvem os seus trabalhos na academia, partilhando-os com os mais de 20.000 profissionais portugueses que deles beneficiam.

Também o universo da formação pós-graduada tem conhecido um enorme crescimento, contribuindo para o desenvolvimento de profissionais cada vez mais qualificados, e que procuram uma atualização constante, agindo aliás de acordo com o imperativo ético da profissão.

Por isso, podemos dizer, passados todos estes anos, que tanto a academia como a profissão estão irreconhecíveis, para melhor, proporcionando aos cidadãos os resultados dos seus conhecimentos nas diversas aplicações dos campos da psicologia.

Assim, neste contexto, impunha-se ter um instrumento que congregasse num dicionário o conhecimento existente, visto pela lupa de autores portugueses. Foi esta a ideia embrionária deste *Dicionário de Psicologia* que agora se apresenta, ideia impulsionada pelo estímulo do editor da Edições Sílabo, Dr. Manuel Robalo. Tarefa desafiadora pela necessidade de seleção dos termos a incluir e dos autores a convidar, tarefa inacabada como qualquer dicionário, mas que fica aberta a futuras edições ampliadas e melhoradas. Percorreu-se o caminho, terminou-se a obra que aqui fica para o usufruto de todos.

Poderemos interrogar-nos sobre o sentido e oportunidade que faz publicar um dicionário em tempos de internet? Pensamos que faz todo o sentido e é oportuno, pela referência que constitui de ser uma abordagem aos temas gerais da psicologia a partir da visão de autores portugueses, mas também pelo interesse exploratório que qualquer dicionário pode induzir, principalmente se publicado em papel. A página escrita com verbetes ordenados alfabeticamente permite fazer descobertas interessantes que levam o interesse original a abrir-se a outros campos/verbetes. Existem conceitos adjacentes de áreas tão diversas e apetecíveis que prometem explorações não antecipadas. Ou ainda a possibilidade de se «ler um dicionário», seja numa qualquer ordem definida ou seja ao acaso. Qualquer das formas pode ser adequada para saber mais sobre psicologia. Claro que não é um saber integrado, para isso existem manuais, mas os verbetes que apresentamos, pela sua extensão, permitem abordagens esclarecedoras que, eventualmente, abrirão a procura de conhecimento mais detalhado.

Pedimos aos autores dos verbetes, reconhecidos especialistas nas suas áreas de intervenção, que se apoiassem e dessem uma perspectiva sustentada pela ciência, pois importa diferenciar o que é o conhecimento psicológico sólido, testado e apoiado por estudos das diversas apresentações de pretenso conhecimento psicológico. A maturidade de uma ciência, como acontece com todas as ciências, está em permanente revisão, permitindo-nos fazer afirmações que sabemos serem sempre suscetíveis de novas descobertas. Por isso, o estado da arte é sempre uma fotografia que está condenada a não corresponder ao envelhecimento dos retratados, mas que serve o propósito de fixar o momento. Este dicionário é um momento, uma obra em contínua atualização. Estaremos atentos à necessidade de a fazer crescer e melhorar. Por agora, celebremos o resultado do trabalho de tantos especialistas portugueses na afirmação da psicologia.

Telmo Mourinho Baptista

David Dias Neto

Introdução

A ferramenta com que a maioria dos psicólogos trabalha em primeiro lugar é a linguagem. A intervenção psicológica já foi designada inclusive por cura pela palavra. A linguagem é usada na psicologia aplicada e estudada na investigação elementar. Na clínica e saúde, ela é a base da mudança, na educação, ela é a base da promoção e do desenvolvimento, no social e organizações, ela é a base do facilitar ajustamento e desempenho. Na investigação elementar, a psicolinguística, a psicologia cognitiva e a neuropsicologia estudam a linguagem e outros sistemas que usam representações linguísticas nas suas operações. A linguagem é simultaneamente alvo de avaliação psicológica e método de investigação nas metodologias qualitativas. Ela está sempre presente e torna distintiva a nossa ciência

É, portanto, surpreendente que tanta da discussão em psicologia se centre em torno do que os termos significam. Muitos dos modelos teóricos da psicologia usam termos cuja definição se sobrepõe com a de outros e muitas das relações antecipadas entre variáveis são incompreensíveis uma vez que as definições das mesmas e consequentes medidas ou variam de autor para autor ou implicam sobreposições entre si. Isto é um problema para a psicologia que desde o seu início se procurou afirmar como ciência. E não existe ciência sem saber do que se está a falar, o que tem consequências na maior ou menor operacionalização dos conceitos. A citação falsamente e maldosamente atribuída a Binet de que a «Inteligência é o que os meus testes medem» traduz uma tentativa de resolver este problema pela medida. Mas se o objetivo da ciência é a procura de uma verdade, esta proposta circular nunca poderá ser a solução definitiva.

Felizmente o estudo da linguagem, pela psicologia, permite dar uma luz sobre o problema. A linguagem não é um código fechado e de relação única e rígida com o seu significante. A palavra burro já significou vermelho e hoje, para além do animal, assume um carácter derogativo de falta de inteligência. O termo, como acontece com outros termos, pode ser usado com tons completamente diferentes que afetam os significados. E o seu uso e significado variam em função do contexto e intenção. E é esta flexibilidade que permite o uso imenso da linguagem, que permite a poesia e nunca impede a compreensão entre as pessoas. E parte desta compreensão deriva do diálogo e da negociação que se associa às trocas verbais.

Um dicionário de psicologia deve ser, portanto um instrumento de diálogo. Deve servir para uma compreensão aprofundada dos seus termos e relações com outros. Por este motivo deve ter uma construção plural. O presente documento conta com a participação de mais de 60 autores de referência nacional. Estes autores escreveram sobre a sua área de especialidade e imprimiram nos seus verbetes a sua perspetiva sobre os termos. Outros autores poderiam ter dado um cunho e uma perspetiva diferente aos termos, mas a diversidade dos envolvidos garante a diversidade do dicionário como um todo. Por esse motivo, queremos expressar os nossos profundos agradecimentos aos autores dos verbetes que com o seu contributo enriquecem a psicologia:

Ana Cristina Martins	ACM
Ana Margarida Veiga Simão	AMVS
Ana Nunes da Silva	ANS
Ana Sofia Medina	ASM
Ana Sousa Ferreira	ASF
Anabela Sousa Pereira	ASP
António M. Duarte	AMD
Armando Mónica de Oliveira	AMO
Bárbara Figueiredo	BF
Barbara Gonzalez	BG
Carla Cunha	CCC
Carla Moleiro	CMM
Carlos Fernandes da Silva	CFS
Carlos Lopes Pires	CMLP
Célia M.D. Sales	CMDS
Celina Manita	CM
Constança Biscaia	CB
Cristina Soeiro	CS
Daniel Rijo	DR
Eduardo Sá	ES
Fernando Barbosa	FB
Francisco Esteves	FGE
Francisco Miranda Rodrigues	FMR
Gabriela Moita	GM
Inês Nascimento	IN
Isabel de Sá	IS
Isabel Miguel	ICM

Jaime Grácio	JG
João Lameiras	PA&JL
João Manuel Moreira	JMM
João Salgado	JS
José Leitão	JL
Jorge Negreiros	JN
Leandro S. Almeida	LSA
Madalena Alarcão	MA
Madalena Melo	MM
Manuel Joaquim Loureiro	MJL
Maria Manuela Calheiros	MMC
Margarida Vaz Garrido	MVG
Maria Eduarda Duarte	MED
Maria João Figueiras	MJF
Maria Teresa Ribeiro	TR
Mário B. Ferreira	MBF
Mário R. Simões	MRS
Miguel Pina e Cunha	MPC
Patrícia M. Pascoal	PMP
Paulo Ventura	PVE
Pedro L. Almeida	PA&JL
Raquel Raimundo	RCR
Renato Gomes Carvalho	RGC
Rosa Ferreira Novo	RFN
Rui Pedro Ângelo	RPA
Rui Bártolo-Ribeiro	RBR
Rui Paixão	RPX
Salomé Vieira Santos	SVS
Sara Bahia	SB
Sara Ibérico Nogueira	SIN
Sérgio Moreira	SM
Sónia Figueira Bernardes	SFB
Tânia Fernandes	TF
Tânia Gaspar	TG
Teresa Garcia Marques	TGM
Vítor Franco	VF

Método de desenvolvimento do dicionário

Em primeiro lugar, o presente livro não é nem um dicionário nem uma enciclopédia. Quando o projetámos decidimo-nos por algo intermédio por julgarmos difícil abarcar alguns conceitos com verbetes curtos, e pretendermos uma obra sintética sobre todas as áreas da psicologia. Para alguns termos pedimos aos autores verbetes curtos ao passo que para outros, julgámos imprescindível a escrita de verbetes mais longos. Este carácter intermédio, também se adequava aos nossos leitores alvo: psicólogos ou estudantes de psicologia que começam a interessar-se por novas áreas da psicologia.

Tendo definido o âmbito e objeto do dicionário avançamos então para o seu desenvolvimento.

Primeiro passo: criação do léxico

A psicologia, apesar de ser uma ciência recente, espalhou-se para diversas áreas e usa diversos métodos de pesquisa e intervenção. Nestas diferentes áreas tem conceitos e teorias que nascem e desaparecem. Por ser um dicionário amplo de psicologia seria impossível ter todos os termos de todas as áreas, o que acarretaria vários dilemas de seleção. Como existem outras obras, elas foram o nosso ponto de partida. Selecionamos outros dicionários de psicologia internacionais e consideramos os termos usados. Como um dicionário é sempre um documento desatualizado, sentimos a necessidade de complementar o léxico inicial com termos de índices remissivos de algumas obras gerais e abrangentes de psicologia.

Nestes incluímos não só termos partilhados por toda a psicologia, mas também termos específicos a teorias particulares e mesmo às teorias centrais da psicologia. Definido o âmbito do dicionário como anteriormente descrito, incluímos nomes de pessoas centrais para a psicologia e provas ou instrumentos de avaliação psicológica que marcaram a intervenção e compreensão dos seus objetos. Quisemos ainda homenagear associações e organizações da psicologia de Portugal e do espaço lusófono, incluindo-as nesta obra. Por se afastar um pouco daquilo que é um dicionário, fomos parcimoniosos nesta inclusão.

Segundo passo: seleção dos termos

O léxico que resultou do primeiro passo foi significativamente maior que o final apresentado ao leitor. Para o reduzir, o primeiro critério foi a frequência com que surgiu nas fontes originais. Tomamos a frequência como um indicador de importância ou de uso na psicologia. Em alguns casos optámos por dar destaque a

certos termos menos frequentes, mas que correspondem a campos ou áreas da psicologia em afirmação. Noutros casos, deixamos de fora alguns termos ou que caíram em desuso, ou cujas conceptualizações concorrentes reuniram o consenso na psicologia. Para esta reflexão foi importante o contributo dos autores, que propuseram acrescentar alguns termos e remover outros.

Outra questão prendeu-se com o nível de aprofundamento de determinadas teorias, áreas ou perspetivas, em termos de verbetes. Em alguns casos, o termo escolhido corresponde a um conceito mais geral. Noutros casos, para além do termo geral, incluímos termos específicos da teoria, abordagem ou área da psicologia. O critério empírico descrito atrás auxiliou na escolha, havendo outros casos em que a apreciação editorial foi relevante. Naturalmente que muitos termos foram excluídos, alguns de forma argumentavelmente problemática. No total ficámos com 511 verbetes e 727 entradas (incluindo sinónimos e outras denominações do termo).

Terceiro passo: escrita dos verbetes

Com o objetivo de dar coerência à obra, enviámos logo à partida um conjunto de regras e orientações de escrita aos autores. O propósito foi o de uniformizar o nível de complexidade, carácter técnico e regras de formatação de modo a facilitar a compreensão do futuro leitor. Todos os verbetes foram lidos e revistos e reenviados para os autores no sentido de aumentar esta mesma uniformização. Agradecemos aos autores a compreensão que lhes permitiu abdicar de algumas das suas idiossincrasias de escrita neste processo.

Por o inglês ser, atualmente, a língua franca da ciência, todos os termos têm a tradução em inglês. Os autores foram ainda convidados a incluir a origem etimológica da palavra quando relevante. Como acontece com outras obras similares, foi pedido aos autores para evitar referências ou citações. Nos casos em que tal fosse considerado indispensável, as mesmas deveriam ser incluídas no texto dos próprios verbetes.

Quarto passo: ordenação dos verbetes

A ordenação dos termos num dicionário escrito em português apresenta os seus desafios; nomeadamente nas situações em que as entradas têm mais do que uma palavra. Nestes casos, com frequência, invertemos a ordem das palavras por julgar que tal corresponderia ao termo que o leitor pesquisaria (*e.g.*, «Perfil criminal, análise do» em vez de «Análise do perfil criminal»). Nos casos em que tal foi feito, ambas as entradas foram colocadas, com uma delas a remeter para a

outra. Noutros casos, havendo dúvidas, optámos por manter a forma original, duplicando a entrada. Colocámos ainda entradas com os sinónimos do termo a remeter para o próprio termo ou termos que não sendo sinónimos estão muito associados (*e.g.*, bem-estar e felicidade)

Apresentação do dicionário

Cada verbete tem as seguintes informações:

The diagram illustrates the components of a dictionary entry for the term 'Cunhagem'. Labels on the left point to specific parts of the entry box on the right:

- Nome da entrada.** Points to the bolded title **Cunhagem**.
- Tradução para inglês.** Points to the italicized English translation *Imprinting*.
- Verbetes.** Points to the main definition text (1. Termo introduzido em 1937 por Konrad Lorenz...).
- Número que aponta para um segundo significado do termo.** Points to the second definition (2. *Imprinting* sexual designa o processo pelo qual um animal desenvolve uma preferência...).
- Outros termos do dicionário sugeridos para consulta.** Points to the 'Ver também' section: ► *Ver também*: Vinculação.
- Código de identificação do autor.** Points to the author code 'SVS' in the bottom right corner.

Conclusão

Cerca de três anos e meio depois de termos iniciado este trabalho, é com satisfação que partilhamos este dicionário com os colegas que comungam do nosso interesse pela psicologia. Fazemos votos para que ele sirva de referência para novas ideias e novas reflexões. A psicologia continua a precisar de afirmação na sua dimensão profissional e de desenvolvimento na sua dimensão científica. O contínuo refinar e melhorar da nossa ciência dará sustentação a essa afirmação.

Telmo Mourinho Baptista
David Dias Neto

Dicionário de Psicologia



Abertura à experiência

Openness to experience

A abertura à experiência é um dos fatores no modelo dos cinco grandes fatores da personalidade e engloba características como a curiosidade, a flexibilidade, a imaginação e a disponibilidade para a discussão de novas ideias e para o envolvimento em experiências não convencionais ou atípicas pelo seu interesse próprio. A abertura à experiência associa-se a maior curiosidade em relação à exploração do mundo intrapsíquico e exterior, sendo um fator importante para o estudo da criatividade. Tratando-se de uma dimensão de primeira ordem, é caracterizado por várias facetas, nomeadamente: *a)* fantasia que traduz recetividade à imaginação; *b)* estética que constitui a apreciação da arte e do belo; *c)* sentimentos que se define pela abertura a experienciar sentimentos e emoções; *d)* ações que envolvem a abertura a novas experiências num nível prático ou concreto; *e)* ideias associada a curiosidade intelectual; e *f)* valores que se referem à disponibilidade para reexaminar e refletir sobre os próprios valores e dos valores das figuras de autoridade.

- ▶ *Ver também:* Personalidade; Criatividade; Cinco fatores, modelo dos.

Abuso

Abuse

A noção de abuso remete para o uso incorreto, excessivo, impróprio de algo ou de alguém. Ela engloba, assim, todas as formas de comportamento inadequado e excessivo, o tratamento prejudicial ou injurioso de um indivíduo ou animal por outro indivíduo. É uma noção usada também para traduzir o recurso a um diferencial de poder para impor uma determinada condição, situação, comportamento. O termo abuso significa o uso intencional do poder, da força, coação ou intimidação contra terceiros. Ele aplica-se a todas as formas de ação intencional que, de algum modo, causem um prejuízo ou dano atual ou futuro/ /potencial, lesem a integridade, os direitos, as liberdades ou necessidades dessa pessoa. O abuso engloba, assim, diferentes tipos de comportamentos, como o abuso físico, o abuso psicológico ou emocional, o abuso económico, o abuso social e o abuso sexual, entre outros. Estes tipos de abuso observam-se sobretudo em situações de maus-tratos a crianças, de violência doméstica ou familiar ou de violência nas relações de intimidade, sendo as vítimas mais frequentes de abuso as crianças, as mulheres e os idosos. Uma das formas mais frequentes de uso do termo abuso nesta aceção é no conceito de abuso sexual de crianças. Este conceito engloba todas as formas de utilização de uma criança, por um adulto ou jovem mais velho, para qualquer tipo de atividade ou propósito sexual, todas as formas de contacto ou de comportamento sexual ou sexualizado, direto ou indireto, envolvendo uma ou mais crianças. O abuso não é deseja-

RGC

do pela criança ou, em função da sua idade e do seu nível de desenvolvimento, não tenha condições para compreender ou para consentir conscientemente.

► *Ver também:* Trauma; Agressão.

CM

Abuso de drogas

Drug abuse

Padrão de consumo de drogas em que o indivíduo consome uma determinada substância psicoativa de forma recorrente e excessiva da qual derivam consequências negativas para si próprio e para os outros. O conceito de abuso de drogas é complexo e vago, tornando, por isso, difícil a elaboração de uma definição unívoca. A definição deste conceito não só pode variar em função dos significados que assume em diferentes subculturas como pode ainda divergir em função das perspectivas em que se baseia a sua definição (*e.g.*, legal, médica, psicológica ou sociológica). Tendo presente este aspeto, importa salientar que duas orientações distintas têm marcado as definições deste conceito. Uma baseia-se no modelo medico-farmacológico; a outra no modelo da desviância social. O elemento essencial de uma definição do abuso de drogas numa perspectiva medico-farmacológica acentua tratar-se de uma condição em que um padrão específico de consumo de uma substância psicoativa acarreta consequências negativas para o indivíduo nas diferentes áreas do seu funcionamento pessoal e social. Em 1988, um grupo de trabalho da Associação de Medicina Americana, definia o abuso de drogas como qualquer uso de drogas que causa danos físicos, psicológicos, económicos, legais ou

sociais ao consumidor ou a outros que possam ser afetados pelo comportamento de consumo do indivíduo. Em 1994, o Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM-IV) da Associação de Psiquiatria Americana (APA) definia abuso de drogas como um padrão de consumo de drogas conduzindo a consequências negativas, recorrentes e significativas, relacionadas com o consumo repetido dessas substâncias. Nesta definição, considera-se que os sintomas que configuram um diagnóstico de abuso de drogas são distintos dos critérios de dependência de substâncias para esse tipo de substância psicoativa, sugerindo, assim, que o abuso de drogas constitui uma condição menos grave que a dependência em relação a uma substância. De notar que no DSM-5, em vez de existirem dois diagnósticos separados, um sobre abuso de substâncias e outro sobre dependência de substâncias, utiliza-se um único diagnóstico de perturbação de uso de substâncias. Em contraste com o modelo medico-farmacológico, o conceito de abuso de drogas no âmbito do modelo da desviância social refere-se ao uso de uma droga psicoativa que se afasta significativamente de padrões sociais, culturais ou médicos estabelecidos numa determinada sociedade. Deste modo, uma definição de abuso de drogas com base no modelo da desviância social não tem como característica essencial sublinhar os efeitos negativos do consumo da substância ou o risco de produzir dependência.

► *Ver também:* Adição.

JN

Aceitação

VER: Consideração positiva incondicional

Acomodação

Accommodation

Em termos gerais, qualquer ação, motora ou interna, efetuada em preparação para estímulos rececionados. **1.** Na psiconeurologia, a lenta redução da excitabilidade de um nervo, face a uma estimulação continuada por um estímulo constante. **2.** Na psicologia do desenvolvimento, particularmente na perspectiva de Jean Piaget (1896-1980), o processo de mudança pessoal dos esquemas cognitivos existentes que são as unidades básicas de conhecimento. O desenvolvimento ocorre no sentido de integrar novo conhecimento ou nova experiência inconsistente com os esquemas anteriores. Nesta perspectiva, o processo de acomodação é tido como complementar ao processo de assimilação. Assimilação é o processo de apropriar informação nova pela sua incorporação num esquema existente. Na teoria Piagetiana, a aprendizagem e o desenvolvimento envolvem o equilíbrio entre a assimilação de informação nova e a acomodação de esquemas existentes. **3.** Na psicologia social, o processo de ajustamento social, por trégua, arbitragem, compromisso ou conciliação, que tem por função manter a harmonia dentro de um grupo ou entre grupos antagonistas.

- ▶ *Ver também:* Assimilação; Desenvolvimento cognitivo.

AMD

Adesão

Adherence (to treatment)

Do latim [*Ad + haesiōne*] «unir-se a». Atualmente, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), adesão terapêutica deve ser entendida enquanto o grau em que os comportamentos de saúde de um indivíduo correspondem às recomendações previamente negociadas e acordadas com um profissional de saúde, seja ele médico, enfermeiro, psicólogo ou outro. Tais comportamentos de saúde podem ir desde a procura de apoio de um profissional de saúde e toma da medicação prescrita até à modificação de estilos de vida ou estratégias de autogestão da doença. Esta definição atual contrasta com as primeiras definições do conceito que surgiram nos anos 70 em três aspetos: *a)* não se foca exclusivamente sobre o consumo de fármacos, englobando uma maior diversidade de comportamentos de saúde (*e.g.*, mudança de hábitos alimentares); *b)* considera a adesão a recomendações de outros profissionais de saúde que não apenas os médicos; e *c)* não entende o paciente como um recetor passivo e aquiescente dos conselhos médicos, mas sim enquanto colaborador ativo na promoção da sua saúde ou prevenção e tratamento da doença. Efetivamente, este último aspeto tem levado muitos autores a defenderem a diferenciação e substituição do termo inglês originalmente utilizado para designar o conceito (*i.e.*, compliance) pelo termo *adherence* ou adesão. A evolução do conceito de adesão terapêutica reflete, assim, uma mudança no paradigma dominante da relação entre o profissional de saúde e o paciente.

- ▶ *Ver também:* Saúde, psicologia da; Motivação.

SFB

Adição

Addiction

Na sua aceção geral, refere-se à condição de estar habitualmente ou compulsivamente ocupado ou envolvido em alguma coisa. Esta definição geral reflete três aspetos do termo que são frequentemente associados às definições mais comuns de adição: *a)* algo que é realizado regularmente e repetidamente; *b)* Uma dimensão compulsiva que torna estes comportamentos ou atividades fora do controlo consciente do indivíduo; *c)* não envolve necessariamente uma droga. Relativamente à aceção específica, refere-se ao estado caracterizado por uma necessidade compulsiva de consumir persistentemente drogas psicoativas (*e.g.*, álcool, tabaco ou a canábis) ou de se envolver em determinados comportamentos (*e.g.*, jogo) das quais resultam consequências negativas para o próprio ou para terceiros. Esta definição tem um significado mais preciso, expresso num conjunto de sinais e sintomas relacionados com o uso de drogas psicoativas ou com adições comportamentais. As principais dimensões desta definição incluem uma dificuldade em exercer controlo sobre a substância ou o comportamento, uma preocupação com a substância ou o comportamento, um consumo persistente ou compulsivo apesar das consequências e uma reação emocional disfuncional. Mais recentemente, o alargamento do conceito às adições comportamentais tem conduzido a que comportamentos como a adição ao jogo, à internet, ao sexo e às compras, sejam considerados como apresentando características e efeitos similares às adições relacionados com o uso de

substâncias. Esta tendência baseia-se em evidências de que a adição a estes comportamentos envolve mecanismos cerebrais similares aos das adições relacionadas com o uso de substâncias. No entanto, o conceito de adições comportamentais tem sido motivo de controvérsia. Atualmente, somente são reconhecidas pelo Manual de Diagnóstico e Estatística de Perturbações Mentais (DSM-5) da Associação Americana de Psiquiatria as adições relacionadas com substâncias e a adição ao jogo, estando esse reconhecimento baseado na dependência física e na correspondente síndrome de abstinência para identificar um estado aditivo. A inclusão do jogo no DSM-5 como a única perturbação aditiva não relacionada com substâncias tem por base evidências de que os comportamentos de jogo patológico ativam sistemas de recompensas semelhantes aos ativados pelas drogas psicoativas além de produzirem sintomas comportamentais que parecem ser comparáveis aos produzidos pelas perturbações de uso de substâncias. Outros comportamentos, descritos no DSM-5 como excessivos e repetitivos, como os jogos de internet, a adição ao sexo e a adição ao exercício, não foram ainda incluídos por se considerar que a evidência é insuficiente para estabelecer os critérios de diagnóstico, condição básica para identificar estes comportamentos como perturbações mentais.

► *Ver também:* Alcoolismo; Droga psicoativa; Abuso de drogas.

JN

Adler, Alfred (1870-1937)

Alfred Adler é o fundador da psicologia individual, uma teoria psicodinâmica que derivou da psicanálise de Sigmund Freud (1856-1939). Formado em medicina em Viena e posteriormente especializado em psiquiatria, começou a manifestar interesse nas ideias de Freud. Foi convidado por este para participar das sessões de discussão que ocorriam às quartas-feiras (na residência de Freud) com um núcleo seletivo de estudantes. Pertenceu, também, à Sociedade Psicanalítica de Viena e foi presidente da mesma. À medida que foi desenvolvendo o seu pensamento conceptual, que se distanciava das propostas da psicanálise de Freud em diversos aspetos, a relação pessoal e profissional entre os dois tornou-se cada vez mais conflituosa. A crítica de Adler relativamente à excessiva ênfase quanto ao papel da sexualidade e do inconsciente na vida humana que estava patente na teoria psicanalítica e a sua proposta da noção de instinto agressivo (em 1908) gerou a oposição de Freud e agudizou a polémica entre os dois. Esta oposição não impediu anos mais tarde de Freud introduzir as pulsões de morte – Tanatos – no seu próprio pensamento. Após uma série de acesas discussões e divergências entre Freud e Adler durante as reuniões da sociedade, a relação entre os dois atingiu o ponto de rutura. Adler demitiu-se de presidente e do cargo de editor da revista associada. A sua saída como membro arrastou a dissidência de outros membros. Para Freud, quem partilhasse estas divergências acerca do ser humano, não seria bem-vindo. Alfred Adler, tal como vários neofreudianos que se seguiram, divergiu da psicanálise

ao enfatizar a componente social e o papel das relações e dos conflitos interpessoais como motivações básicas do ser humano. Pelo contrário, a psicanálise de Freud era muito centrada nos conflitos internos e na sexualidade. Adler apresentou a noção de complexo de inferioridade como uma das forças motivacionais que promovem a tentativa de superação individual ao longo da vida. Esta noção tem também uma influência pessoal. Adler parte da sua própria experiência de se sentir inferiorizado perante o protagonismo do seu irmão primogénito e de uma relação infeliz com a sua própria mãe, segundo alguns biógrafos. Adler propõe uma teoria que assume o meio social, as relações interpessoais e a posição na família (*i.e.*, decorrente da ordem de nascimento) como aspetos nucleares no desenvolvimento individual. Em particular, Adler assume o complexo de inferioridade e superação destes sentimentos como fatores motivacionais fundamentais na tentativa de superação individual e na obtenção de reconhecimento dos outros, estatuto e protagonismo social. Segundo Adler, são também os complexos de inferioridade que estão na base da psicopatologia e das neuroses. Apesar de assumir a procura do estatuto social, liderança ou sucesso profissional como ilustrações importantes da superação de sentimentos de inferioridade através do reconhecimento interpessoal considera, alternativamente, que a superação destes sentimentos pode ser expressa na procura de uma vida sentida como mais rica, completa e significativa para o próprio. Assume, assim, que as expectativas individuais e a construção de um eu ideal ou perfeito gera uma orientação para o

futuro que guia o trajeto de vida e a escolha de um estilo de vida em particular. Foi um dos primeiros neofreudianos a preocupar-se com a aplicação da abordagem psicodinâmica na melhoria das práticas educativas das crianças, através de reformas escolares, e na promoção do desenvolvimento infantil. Comunicador nato e prolífero, procurou, com sucesso, criar um impacto social da visão psicodinâmica que se expandisse para além do círculo de intelectuais em torno da Psicanálise e que se difundiu junto de educadores. Adler realizou inúmeras palestras de divulgação para o público e tornou-se professor de Psiquiatria numa universidade americana (Long Island, Nova Iorque), onde se instalou na fase final da sua vida.

► *Ver também:* Complexo de inferioridade.

CCC

Adolescência

Adolescence

Período do desenvolvimento humano situado entre a puberdade e a idade adulta e todas as alterações físicas, mentais, sociais e culturais associadas. Diz respeito a uma etapa intermédia do desenvolvimento humano, entre a infância e a idade adulta. A adolescência é uma fase que se inicia por volta dos 10 anos e termina por volta dos 19 anos. Para a Organização Mundial de Saúde, a adolescência é dividida em três fases: pré-adolescência, dos 10 aos 14 anos; adolescência, dos 15 aos 19 anos completos e a juventude, dos 15 aos 24 anos. No entanto este processo de desenvolvimento varia muito de pessoa para pessoa e os rapazes apresentam esse desenvolvimento aproximadamente dois anos

mais tarde que as raparigas. Fatores genéticos e ambientais contribuem para esta diversidade relacionada com o tempo da puberdade. A puberdade pode ser vista como um processo psicossocial. Deste modo a puberdade está relacionada com fatores psicológicos, fatores sociais e fatores culturais. Dá-se o afastamento dos comportamentos típicos da infância, e iniciam-se os comportamentos mais próximos do adulto, aumentando o sentido de responsabilidade para assumir os papéis sociais.

A puberdade é um complexo processo como alterações físicas que transformam a aparência e experiência do adolescente. As mudanças biológicas interagem com outros aspetos do desenvolvimento do adolescente, tais como, o seu bem-estar psicológico, a sua imagem corporal, as relações familiares, a relação com os amigos e sexualidade. Os determinantes biológicos da adolescência são praticamente universais, no entanto a sua duração e características que a definem variam ao longo da história, das culturas e das situações socioeconómicas. O processo da adolescência é uma preparação para a idade adulta no qual ocorrem experiências de desenvolvimento fundamentais. Essencialmente as três tarefas da adolescência são negociar a relação com o corpo, a relação com o grupo de pares e a relação com a família. Além da maturação física e sexual, estas experiências incluem o caminho para a independência económica e social, desenvolvimento da identidade, aquisição de novas competências e capacidade para o pensamento abstrato. Durante este período ocorre a maturação dos órgãos sexuais e aparecimento das características sexuais secundárias,

Psicologia & Psicoterapia

EDITORES



Telmo Mourinho Baptista

Faculdade de Psicologia
da Universidade de Lisboa.
Associação Portuguesa
de Terapias Comportamentais,
Cognitiva e Integrativa.



David Dias Neto

ISPA – Instituto Universitário.
Associação Portuguesa
de Terapias Comportamentais,
Cognitiva e Integrativa.

AUTORES

Ana Cristina Martins
Ana Margarida Veiga Simão
Ana Nunes da Silva
Ana Sofia Medina
Ana Sousa Ferreira
Anabela Sousa Pereira
António M. Duarte
Armando Mónica de Oliveira
Bárbara Figueiredo
Barbara Gonzalez
Carla Cunha
Carla Moleiro
Carlos Fernandes da Silva
Carlos Lopes Pires
Célia M. D. Sales
Celina Manita

Constança Biscaia
Cristina Soeiro
Daniel Rijo
Eduardo Sá
Fernando Barbosa
Francisco Esteves
Francisco Miranda Rodrigues
Gabriela Moita
Inês Nascimento
Isabel de Sá
Isabel Miguel
Jaime Grácio
João Lameiras
João Manuel Moreira
João Salgado
José Leitão

Jorge Negreiros
Leandro S. Almeida
Madalena Alarcão
Madalena Melo
Manuel Joaquim Loureiro
Maria Manuela Calheiros
Margarida Vaz Garrido
Maria Eduarda Duarte
Maria João Figueiras
Maria Teresa Ribeiro
Mário B. Ferreira
Mário R. Simões
Miguel Pina e Cunha
Patrícia M. Pascoal
Paulo Ventura
Pedro L. Almeida

Raquel Raimundo
Renato Gomes Carvalho
Rosa Ferreira Novo
Rui Pedro Ângelo
Rui Bárto-lo-Ribeiro
Rui Paixão
Salomé Vieira Santos
Sara Bahia
Sara Ibérico Nogueira
Sérgio Moreira
Sónia Figueira Bernardes
Tânia Fernandes
Tânia Gaspar
Teresa Garcia Marques
Vitor Franco

Este é o primeiro grande dicionário de psicologia publicado em Portugal. Escrito por especialistas de renome nacional e internacional, a sua construção, obedecendo aos preceitos metodológicos deste tipo de publicações, impõe-no como um trabalho de referência.

Abrangendo as diversas áreas teóricas e práticas da psicologia, este livro é uma ferramenta indispensável para todos os psicólogos, investigadores e estudiosos desta ciência.

«A ferramenta com que a maioria dos psicólogos trabalha em primeiro lugar é a linguagem. (...) Ela está sempre presente e torna distintiva a nossa ciência. É, portanto, surpreendente que tanta da discussão em psicologia se centre em torno do que os termos significam. (...) Um dicionário de psicologia deve ser, portanto um instrumento de diálogo. Deve servir para uma compreensão aprofundada dos seus termos e relações com outros. Por este motivo deve ter uma construção plural.»

Telmo M. Baptista & David D. Neto
In Introdução

631

